

A efervescência dos anos 1920 sob uma ótica preta

PÁGINA 5



Odette Roitman é atual, afirma Debora Bloch

PÁGINA 6



Livraria fundada pelos Zahar foi alvo durante a ditadura

PÁGINA 7



2º CADERNO



Como o diretor Walter Salles escancarou o Brasil para o Olimpo do cinema em 'Ainda Estou Aqui'

Por **Leonardo Sanchez** (Folhapress)

Quando o nome “Central do Brasil” ecoou no saguão naquela cerimônia do Globo de Ouro de 1999, Walter Salles subiu ao palco com um largo sorriso e se ficou distante do microfone, deixando o caminho livre para Fernanda Montenegro agradecer pelo prêmio de melhor filme em língua estrangeira.

Quando “Ainda Estou Aqui” seguiu trajetória parecida, o cineasta mais uma vez desviou os holofotes, fazendo de Fernanda Torres o rosto da campanha rumo ao Oscar.

O fato pode parecer irrelevante, mas demonstra um forte traço de sua personalidade. Discreto, reservado e sóbrio, ele nem parece um dos cineastas de maior prestígio e fama que o cinema brasileiro já produziu.

Seus filmes receberam sete indicações ao Oscar, sem falar nos prêmios do Bafta, a maior láurea do cinema britânico, e dos festivais de Berlim, Cannes, Veneza, Sundance e San Sebastián atrelados ao seu nome, graças também a “Diários de Motocicleta” e “Abril Despedaçado”. Mas nem por isso ele faz pose de celebridade. **Continua na página seguinte**

Walter Salles é observado por Fernanda Torres durante premiação no Festival de Veneza

Lorenzo de Luca/Divulgação

Ele tem um Oscar, mas não é de fazer pose

Divulgação Sony Pictures



Walter Salles orienta Fernanda Montenegro e Vinícius Oliveira no set de filmagens de 'Central do Brasil'

Divulgação



Daniela Thomas (de óculos) e Salles (na câmera) nas filmagens durante as filmagens de 'Terra Estrangeira'

'Me interesseo muito mais pelas pessoas que eu não conheço, pelos territórios a que não fui'

Aos 68 anos, Walter Salles recorre à descrição de um blazer e camiseta básica em muitas de suas aparições públicas, não é presente nas redes sociais e passa pelos tapetes vermelhos em modo "low profile", contrariando as pavoneadas que correm nas veias de Hollywood, uma meca de personalidades agigantadas.

Talvez por berço, o glamour nunca o deslumbrou. Filho do diplomata Walther Moreira Salles, que foi embaixador nos Estados Unidos e responsável por negociar a dívida externa brasileira no segundo governo de Getúlio Vargas, o cineasta é um dos herdeiros do maior banco do país, o Itaú Unibanco, fruto de fusões que se iniciaram com a Casa Bancária Moreira Salles, há um século.

Mas não foi só a fortuna pessoal, avaliada em R\$ 26,5 bilhões, que deu ao artista acesso às elites intelectuais e artísticas do mundo, gestando o cineasta que desfila hoje no Os-

car. Walther, o pai, era amigo de algumas das figuras mais importantes do século passado, como Assis Chateaubriand, Ary Barroso, Greta Garbo e os Rockefellers. Mais do que pelo tino comercial, era conhecido por seus jantares e festas, um de seus maiores ativos políticos.

A mãe, Elisa Moreira Salles, ou Elisinha, era descrita em jornais da época como uma mulher renascentista. Era culta, elegante, politizada, um pouco como Eunice Paiva. Integrou uma comitiva que visitou a China às vésperas da Revolução Cultural de Mao Tse-Tung e relatou a ebulição social que testemunhara à revista O Cruzeiro.

"Existia uma grande liberdade para que cada um de nós definisse o seu destino. Nunca fomos tolhidos nos nossos percursos individuais", diz João Moreira Salles, irmão de Walter e também cineasta. Na sua obra está o documentário "No Intenso Agora", feito a partir de filmes caseiros da viagem da mãe à China.

"Jamais faltou estímulo. Fazem parte

das minhas memórias de infância a grande biblioteca do meu pai e as visitas quase compulsórias a museus, na companhia da minha mãe. Na época, era o preço que a gente tinha que pagar para depois se divertir. Hoje, sei que muito daquilo ficou. Ela educou o nosso olho."

Quando adolescente, o artista tinha um laboratório de fotografia no porão de casa. "O germe do cinema talvez estivesse ali", diz João. Ele lembra que, numa viagem, o irmão levou uma câmera, reuniu os amigos e dirigiu um filme caseiro. A namoradina da época era a protagonista, e João fazia as vezes de um músico incompreendido.

"Todas as cenas eram improvisadas. Como as pessoas inventaram na hora o que dizer, aconteceu uma coisa interessante. As implicâncias da vida foram levadas para a cena. Uma delas acabava com uma amiga dizendo para outra, com quem havia brigado, 'sua putinha!'. Ou seja, a encenação dizia a verdade. Quem sabe aquilo não ficou registrado na cabeça dele."

Walter também tem como irmãos Pedro e Fernando Moreira Salles. O primeiro integra a presidência do conselho de administração do Itaú Unibanco. O segundo é, entre outras coisas, um dos sócios da Companhia das Letras, uma das principais editoras do país.

O quarteto integra o conselho do IMS, o Instituto Moreira Salles, centro cultural com sedes no Rio, São Paulo e em Poços de Caldas (MG), e também tem uma fatia da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, líder mundial na comercialização de nióbio. O minério, raro, tem todo tipo de uso, de ligas para a construção de pontes à fabricação de marca-passos.

Investimentos no setor energético, em transporte e na Alpargatas, fabricante dos chinelos Havaianas, completam a variada cartela de investimentos da família. Com João, Walter compartilha também a produtora Videofilmes, que está por trás de "Ainda Estou Aqui".

Na outra ponta da árvore genealógica estão os dois filhos, Vicente, de 18 anos, e He-

Divulgação



Rodrigo Santoro foi dirigido por Salles em 'Abril Despedaçado'

Berlinal/Divulgação



O Urso de Ouro do Festival de Berlim foi a primeira premiação internacional de 'Central do Brasil'

lena, de 16 - enquanto o pai corria o mundo com "Ainda Estou Aqui", ela viralizava com uma câmera menor em mãos, fazendo vídeos de TikTok.

Fortes bases familiares e financeiras teriam ajudado Walter, acredita João, a trilhar o incerto caminho do cinema nacional, tão dependente de dinheiro público - "Ainda Estou Aqui", ao contrário do que foi espalhado nas redes sociais por políticos de direita, não usou verbas da Lei Rouanet.

Diz também que o olhar social e humanista, termo que se repete nas bocas de muitos dos que trabalharam com Walter, são consequências de "viver no Brasil e não ser alheio a quem somos e ao que nos cerca".

Curiosidade e sensibilidade

Essa curiosidade e sensibilidade foi o que aproximou Walter de Vinícius de Oliveira, o menino de "Central do Brasil" que hoje, aos 39 anos, rememora o primeiro encontro com o cineasta, enquanto engraxava sapatos no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

Oliveira ficava de olho em homens trajados em ternos e sapatos sociais, mas Walter não era um deles. Decidiu abordar aquela figura de jeans e tênis porque o movimento, naquele dia, era fraco. Pediu um trocado e foi convidado para um lanche.

Entre as mordidas que davam nos sanduíches, o cineasta o convidou para fazer um

Divulgação Brasil GT3



Divulgação

Walter no pódio com o piloto Ricardo Rosset: o cineasta é um apaixonado pelo automobilismo, chegando a participar de competições de kart e da Fórmula GT3

Alberto Ortega/Academia de Cine



Nos bastidores de 'Diário de Motocicleta', longa que estreitou os laços do cineasta com os realizadores latino-americanos



O diretor com o Prêmio Goya por 'Ainda Estou Aqui'

amigável, que cumprimenta todos os garçons quando entra num restaurante, anda a pé e pega táxi sem a companhia de seguranças ou assessores.

Na ala filantrópica, era importante despersonalizar o instituto, afastando a organização de sua carreira no audiovisual. "Ele não queria que fosse um espelho dos desejos dele, um altruísmo individual. Ele se faz presente em reuniões semanais, acompanha as doações, conhece quem trabalha no Ibirapitanga, mas você jamais vai ver uma biografia dizendo "Walter Salles, cineasta e filantropo", diz Degenszajn.

Murilo Hauser e Heitor Lorega, premiados no Festival de Veneza pelo roteiro de "Ainda Estou Aqui", corroboram com a ideia de que ele é muito presente em tudo o que se propõe a fazer. Centrado, chega às gravações com um plano muito claro, mas convida as opiniões dos outros para dentro de seus filmes.

Sua relação de amor com a música faz com que a trilha sonora seja pensada do primeiro ao último suspiro dos longas, e aquela com a escrita faz dele alguém com enorme respeito ao roteiro. É ainda perfeccionista, característica que ronda seus filmes até quando já estão finalizados.

Codiretora de "Terra Estrangeira" e amiga de longa data, Daniela Thomas compara o cinema detalhista, introspectivo e sóbrio de

Adrian Teijido/Divulgação



Walter com Fernanda Montenegro no set de filmagens de 'Ainda Estou Aqui'

Walter ao de Jia Zhang-ke. "Ele é um cineasta humanista, no sentido mais profundo da palavra. Entende o poder do cinema, seu potencial para expressar toda uma identidade. Walter botou sua nação no mundo, divulgou uma identidade, não um país", diz a cineasta.

De acordo com Rodrigo Santoro, dirigido por Walter em "Abril Despedaçado", o cineasta é capaz de atravessar o espectador justamente ao buscar o que seus personagens sentem. "Waltinho é um poeta que mergulha na complexidade humana, com um olhar sempre muito sensível e respeitoso", afirma.

A segurança financeira, porém, não torna seu processo criativo exatamente tranquilo. Thomas acredita que o fato de ele não ter de "botar a casa no prego ou depender de editais" para filmar é determinante. "Dito isso, das pessoas com quem trabalho, ele é das mais meticulosas, com vários estágios de dúvidas, sempre vivendo um tumulto interno."

Concentração é a chave para lidar com o sentimento e se aproxima de uma característica fundamental em qualquer bom piloto de automobilismo. Por mais fora do personagem que pareça, Walter quase seguiu carreira profissional na área, que o seduziu nos anos 1970, graças às vitórias de Emerson Fittipaldi.

O cineasta foi bicampeão de kart no Rio de Janeiro, mas parou de correr quando se matriculou no curso de cinema. Voltou para as pistas nos anos 1990, entre os intervalos das gravações de "Terra Estrangeira", chegou a ser campeão paulista de kart em sua categoria e, novamente, aposentou o capacete. Nos anos 2000, disputou a GT3 Brasil ao lado de Ricardo Rosset.

Naquela época, em depoimento ao Globo Esporte, o realizador comparou o hobby a uma relação amorosa, que reencontrava vez ou outra. No cinema, a história é outra. Com o prestígio de "Ainda Estou Aqui", Salles ganhou mais combustível. Sem dar detalhes, vem dizendo que já tem um roteiro para gravar em seguida, mostrando que não vai desacelerar tão cedo.

ENTREVISTA / ALICE NELLIS, CINEASTA

'Não somos nós que criamos a História, iniciamos guerras ou terminamos com elas'

Divulgação BFM

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Egressa de uma pátria que apresentou as telas com grifes autorais como Milos Forman, Vera Chytilová, Jan Svankmajer e Michaela Pavlátová, a tcheca

Alice Nellis era uma flautista em ascensão quando decidiu dividir o tempo que dedicava a instrumentos de sopro com o cinema. Essa divisão de tarefas começou

em 1996, quando decidiu cursar narrativas audiovisuais na FAMU, prestigiosa escola de Praga.

Saiu de lá em 2001 para roteirizar e filmar pérolas de metragem longa como "Mamas & Papas" (2010), "Revival" (2013), "Os Sete Corvos" (2015) e "Buko" (2022), todos incluídos da programação da 43ª da Bergamo Film Meeting. O festival italiano, inaugurado no sábado com foco em artistas do Velho Mundo, incluiu a realizadora num ciclo paralelo (hors-concours) de sua programação, revisitando seus filmes numa seção chamada "Europa, Agora!". Nessa mostra, ela conta com a companhia do alemão Christian Petzold, cineasta por trás dos cults "Afire" (2023) e "Undine" (2020), que está pela Itália a exibir tudo o que dirigiu da década de 1990 para cá.

Enquanto se formava, Alice fez de tudo: foi designer no Ministério das Relações Exteriores da República Tcheca, deu aulas e trabalhou como tradutora. Essas experiências plurais para ganhar o pão enriqueceram sua visão criativa e talharam seu olhar. Em 2002, ela alcançou os holofotes cinéfilos pela primeira vez, ao vencer a mostra New Directors do Festival de San Sebastián, na Espanha,



com "Some Secrets" ("Výlet"). Estabeleceu a partir dali um prestígio que se ampliou pela teledramaturgia, com experimentos em telefilmes e minisséries. No papo a seguir, feito numa troca de e-mails, Alice faz uma radiografia de sua estética.

Qual é o retrato da realidade tcheca que seus filmes procuram levar ao mundo? Em que medida a tradição cultural de sua terra natal molda seus longas?

Alice Nellis: Tenho a tendência de per-

ceber nossa realidade pela perspectiva de uma existência humana individual e, portanto, meus filmes, as minhas histórias são, em sua maioria, muito particulares e pessoais. Isso já nos diz muito sobre a realidade tcheca, não apenas a de hoje, mas a de toda a História, nos últimos séculos. Não somos nós que criamos a História, iniciamos guerras ou terminamos com elas. Nossas histórias aqui geralmente não são épicas. Gosto de retratar famílias e pequenas comunidades, pois acredito firmemente que é aí que podemos iniciar todas

Você tem uma estreita ligação com o drama televisivo, com telefilmes e minisséries em seu currículo. Qual é o papel da televisão no setor audiovisual ao qual você pertence?

Durante a última década, a qualidade de algumas produções de TV, especialmente minisséries, começou a rivalizar com a produção de filmes. Com o crescimento do mercado de plataformas digitais, as emissoras de televisão agora oferecem mais espaço para algo que eu chamaria de "TV de qualidade". Sinto que isso está intimamente ligado ao fato de que as tecnologias de câmera e pós-produção tornam a filmagem em si mais acessível - no sentido da qualidade da imagem, da possibilidade de movimento da câmera e da iluminação. Portanto, nesse aspecto, acredito que uma boa produção de TV pode, em certos gêneros, competir com os filmes para o cinema. Pessoalmente, como roteirista, gosto muito do formato de minissérie, porque ele me permite criar personagens mais interessantes e em plena evolução. Mas, sob o aspecto da direção, as condições em que os roteiros são filmados ainda não são tão boas quanto as do cinema.

Sempre sinto a presença da solidão em suas personagens. O que essa solidão revela sobre as mulheres? O que há de político nisso?

É uma boa observação. Acredito que a solidão é, muitas vezes, um subproduto da falta de comunicação. Com outras pessoas, com seu parceiro, com sua família, mas também - ou principalmente - com você mesmo. As mulheres tendem a precisar mais de comunicação do que os homens e, sem ela, podem se sentir não apenas solitárias, mas também não compreendidas ou valorizadas. Meus heróis geralmente têm de enfrentar o fato de sua própria mortalidade e, sejamos honestos, a morte parece ser um assunto bastante solitário. Ser capaz de encarar esse fato pode trazer uma catarse que pode libertá-lo da solidão. Especialmente se você perceber que, nesse negócio de morrer, estamos todos juntos e essa é a única constante absoluta na condição humana que todos nós compartilhamos.

Uma conexão preta com os anos 1920

Ira Barillo/Divulgação

Espectáculo é uma releitura poética do Rio, das artes e do tempo a partir de 'Tudo Preto', espetáculo encenado pela Companhia Negra de Revistas em 1926



AfroFlor, Felipe Oládélè, Muato e Tainah Longras compõem o elenco de 'Vinte!'

A fusão entre teatro, dança e música marca "Vinte!", espetáculo de Tainah Longras, com direção de Maurício Lima, que estreia nesta quinta-feira (13) no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ). A montagem revista, em chave ficcional, os movi-

mentos artísticos negros dos anos 1920 no Brasil, entrelaçando a cidade do Rio, as artes e suas camadas temporais.

Partindo de uma crítica à peça "Tudo Preto" (1926), da Companhia Negra de Revistas, o espetáculo reconstrói narrativas sob

uma perspectiva negra e contemporânea. O Harlem Renaissance, movimento cultural e intelectual que floresceu na comunidade negra de Nova York na mesma época, foi o ponto de partida da pesquisa.

"É a abertura para toda a investigação e fonte de muitas elaborações importantes para a peça", explica Longras, que divide a cena com AfroFlor, Felipe Oládélè e Muato.

O percurso levou à Companhia Negra de Revistas, grupo que reuniu nomes como Pixinguinha e De Chocolate, deixando uma marca no teatro musical negro brasileiro. "Esses artistas e suas histórias são nossos maiores pontos de conexão com o Rio dos anos 1920", destaca a dramaturga.

No palco – ou melhor, no espaço cênico que dissolve as fron-

teiras entre artistas e público – a palavra se desdobra em múltiplas formas: falada, cantada, dançada, inventada. "A encenação parte de uma relação radical dos atores com a palavra. Isso não significa uma hierarquia entre as linguagens. Teatro, dança e música dialogam organicamente, compondo uma cena ancorada em uma perspectiva filosófica afroindígena, não linear no tempo e, consequentemente, na História", observa o diretor. A experimentação cênica e sonora do espetáculo se inspira no choro, no jazz e no samba, ritmos fundamentais na identidade cultural negra.

A direção musical é de Muato, com direção de movimento de Romulo Galvão, direção de arte de Júlia Vicente, direção de produção de Bem Medeiros e iluminação de Dadado de Freitas.

SERVIÇO

VINTE!

centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 6/4, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (Meia)

Revelando a latinidade

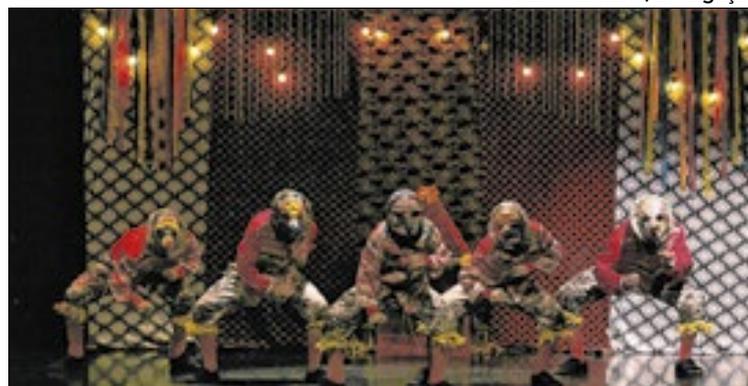
Premiado espetáculo 'As Cores da América Latina' chega ao Sesc Copacabana

Depois de percorrer oito estados e alçar voos internacionais, "As Cores da América Latina" chega ao Mezanino do Sesc Copacabana, levando ao público teatro, dança e manifestações culturais do continente. Com direção de Fábio Moura e Talita Menezes, o espetáculo estreia nesta quinta-feira (13).

Concebido em 2023, o espetáculo fortalece a linha de pesquisa cênica da Panorando Cia e Produtora, de Manaus. A companhia investiga as relações entre

referências corporais de manifestações culturais e a criação teatral. "Durante o processo de criação, questionamos as possibilidades de gerar cenas a partir da cultura popular e refletimos sobre como o Brasil pouco dialoga com os demais países do nosso continente", diz Moura.

Inspirado em três manifestações populares — Fiesta de la Tirana (Chile), Huaconada (Peru) e Cavalo-Marinho (Brasil) —, o espetáculo as entrelaça, explorando a relação entre o sagrado e o



Inspirado em manifestações populares da América Latina, o espetáculo explora a relação sagrado/profano

profano. A corporeidade dessas tradições é traduzida em cena por meio de uma estética vibrante. Seis máscaras de Fofão, personagem emblemático do Carnaval Maranhense, complementam a visualidade dos personagens e reforçam a celebração das culturas latino-americanas. "Ao aprofundar a pesquisa corporal, identificamos elementos comuns entre elas, o que enriqueceu nossa cria-

ção", comenta o diretor.

O espetáculo se destaca pela capacidade de adaptação, sendo apresentado em diversos espaços, de teatros tradicionais a terminais de ônibus, praças e parques. "A versatilidade é fundamental. Inspirados nas manifestações culturais que estudamos, entendemos que poderíamos alcançar diferentes públicos e descentralizar as apresentações. O espetáculo vem

da cultura popular e retorna como outro bem cultural para múltiplas camadas sociais", ressalta o diretor.

A peça reflete sobre as fronteiras como zonas de potência criativa, transitando entre linguagens cênicas, culturas, idiomas e formas de coexistência. "Nosso maior objetivo é celebrar a diversidade da nossa região. O público pode esperar uma experiência pulsante, que convida à reflexão sobre nossa identidade latina. Para nós, é essencial levar o nome do Amazonas por tantos lugares, reafirmando a força das nossas produções", conclui.

SERVIÇO

AS CORES DA AMÉRICA LATINA

Sesc Copacabana - Mezanino (Rua Domingos Ferreira, 160)
| De 13 a 23/3, de quinta a domingo (20h30) | R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)

Pedro Carvalho/Divulgação

'Odete Roitman é superatual e encarna a elite do atraso'

Rudy Huhold/TV Globo

Escalada para viver a vilã mais odiada da TV brasileira, Debora Bloch destaca como a personagem segue atual

Por Ana Cora Lima e Gabriel Vaquer (Folhapress)

Atriz Debora Bloch vai viver uma das vilãs mais famosas das novelas, Odete Roitman, no remake de "Vale Tudo", que estreia no próximo dia 31. Em entrevista ao Globo, Bloch diz que a personagem continua atual e representa as piores características da elite brasileira, como o atraso, a arrogância e o preconceito. "A nossa herança colonial e escravagista e revela como o Brasil foi fundado por uma elite que não se importa com o país, apenas com seus próprios interesses e privilégios", diz. "Odete encarna a elite do atraso", completa.

Sobre a vilã, continua: "Ela reclama que o Brasil é um país subdesenvolvido, mas não percebe que o pensamento dela é que é responsável por isso. Há 37 anos, já representava um pensamento retrógrado, uma visão de mundo



Debora Bloch caracterizada como Odete Roitman

pouco humanista, focada no lucro e na meritocracia. Quando a gente pensou que ia viver a volta de ideias tão conservadoras e autoritárias? Odete, infelizmente, é superatual".

A atriz destaca que não tem nada a ver com sua personagem na trama. "O texto é muito bom e estudá-lo é um barato, acabo me divertindo com a personagem. Ela tem certa inteligência e um sarcasmo que traz humor", afirma. "Também não convivo com mulheres como Odete, mas claro que conheço algumas. Costumam ser prepotentes, narcisistas e jogam com o

poder e o dinheiro. Sei bem como funcionam", completa.

Valentina Herszage estava confiante e achava que tinha chances de conquistar o papel de Maria de Fátima no remake de "Vale Tudo". Mas a Globo optou por escalar Bella Campos para interpretar a vilã, vivida por Glória Pires na versão original. Valentina, a Veroca do filme "Ainda Estou Aqui", diz ter aceitado numa boa a escolha. "Gostei do teste e acredito que fui bem, sim, mas sabe o que eu aprendi? Quando um personagem tem que ser de um ator, ele é. As coisas

sempre se arranjam a favor daquele trabalho. Maria de Fátima não era para ser minha. Era para ser da Bella", afirma. Os testes aconteceram em meados de 2024, antes da estreia do longa de Walter Salles, que acaba de conquistar o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Valentina conta que está torcendo pelo sucesso da colega, que vem recebendo críticas nas redes sociais pelas cenas exibidas pela Globo nas chamadas para a estreia do remake. "A Bella vai arrasar", diz a atriz. "A Globo é muito competente, sabe? As novelas são de exce-

lência, as equipes são extremamente profissionais, e tudo joga a favor de qualquer produção. Estou muito na torcida e doida para assistir".

Valentina agora está envolvida no lançamento do filme "A Batalha da Rua Maria Antônia", da diretora Vera Egito e diz que, pelo menos por enquanto, não tem planos na televisão. "Confesso que estou muito apegada ao audiovisual nos últimos tempos, mas adoro fazer novelas. As pessoas sabem (risos) e com certeza daqui a pouco vai rolar um convite, um teste e vou lá fazer numa boa".

A Globo divulgou no fim de semana o primeiro trailer de "Vale Tudo" que mostra cenas de Heleninha Roitman, uma das personagens mais icônicas da novela. Paolla Oliveira interpretará a atriz.

Alcoólatra, a filha de Odete Roitman foi interpretada por Renata Sorrah na versão original da novela escrita por Gilberto Braga. A nova versão será adaptada por Manuela Dias para os tempos atuais.

No trailer, é possível ver Paolla explicando que Heleninha já foi internada três vezes em clínicas de reabilitação para tentar ajudar no alcoolismo.

Entre os nomes confirmados no elenco de "Vale Tudo" estão Alexandre Nero (Marco Aurélio), Renato Góes (Ivan), Julio Andrade (Rubinho) e Malu Galli (Tia Celine). Belize Pombal (Consuelo), Karine Teles (Aldeide) e Luis Salem (Eugênio), Pedro Waddington (Thiago Roitman), Ramille (Fernanda) e Luís Melo também fazem parte do elenco.

"Vale Tudo" é escrita por Manuela Dias e tem direção artística de Paulo Silvestrini.

Focada em mostrar as diferenças sociais no Brasil de 1980, a versão original de "Vale Tudo" girou em torno do mistério sobre quem matou a empresária Odete Roitman (Beatriz Segall). No último capítulo, o público descobriu que a assassina era Leila (Cássia Kis). Porém, ela queria matar Maria de Fátima (Gloria Pires), que mantinha um caso com o seu marido, Marco Aurélio (Reginaldo Faria), atirando, por engano, em Odete.

Vender livros, um ato de resistência

Eduardo Anizelli/Folhapress



Lucien Zahar Filho viu as vendas diminuir drasticamente, mas diz que mantém a livraria porque a loja é própria: 'Mantenho o negócio por prazer, gosto de vender leitura. No dia que for para fechar, fecho'

Livraria fundada pelos Zahar e que foi alvo na ditadura hoje luta contra o desestímulo à leitura e as lojas virtuais na internet

Por **Paula Fonseca** (Folhapress)

Lucien Zahar Filho não presenciou a detenção de seu pai no auge dos anos de chumbo. Mas de tanto que ouviu a história da família, narra a cena como se tivesse estado lá. “Era fim do dia e um caminhão do Exército parou aqui na porta. Tínhamos acabado de receber uma edição resumida de ‘O Capital’, de Karl Marx. Eles sabiam”, diz o proprietário da livraria Galáxia, no centro carioca. Ele é o último integrante de sua família no negócio dos livros - a editora Zahar e a livraria, que antes se chamava LER (Livraria e Editores Reunidos), foram fundadas por seu pai, Lucien, e seus tios, Jorge e Ernesto.

Diferentemente do ex-deputado Rubens Paiva, que inspirou o agora oscarizado “Ainda Estou Aqui”, o Lucien Zahar pai não chegou a ser torturado. Foi solto por intervenção de um cliente da livraria, que “era general mas frequentava a loja e gostava muito dos irmãos”, conta o filho.

Mas, assim como Paiva e outros dos personagens que surgem no filme - incluindo Fernando Gasparian, que depois criaria a livraria Argumento -, os Zahar foram perseguidos pela ditadura.

Não por acaso: fundada em 1956, a editora que traduziu e editou livros de nomes como Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre e Eric Hobsbawm, passou a ser, nas décadas seguintes, referência na publicação de títulos das ciências sociais e humanas.

Não apenas gerações de intelectuais da oposição foram formadas e alimentadas por suas obras, como muitos destes personagens

se reuniam no andar de cima da livraria, situada no mesmo prédio da editora, para longas conversas regadas a uísque.

“Nossa livraria ficava em frente ao Consulado dos Estados Unidos, próximo da Faculdade Nacional de Filosofia. Esta região do centro já foi bem rica e efervescente culturalmente, frequentada por intelectuais, políticos, a nata da inteligência”, conta Lucien, que manteve a pequena loja da família depois que a editora foi comprada pela Penguin Random House, em 2019, e transformada em um selo da Companhia das Letras.

A Galáxia de hoje, localizada na Rua México, tem a cara e o jeito da LER de outrora. Os títulos seguem trazendo o supracitado da sociologia, filosofia, economia, política e artes. Ali estão as mesmas estantes até o teto, a mesma escada de madeira, o mesmo letreiro ao fundo com o nome da livraria, um antigo peso de papel de vidro com o nome Lucien - do pai.

Além disso, o papel com que Lucien em-

brulha cuidadosamente os livros ainda traz o número de telefone da livraria com sete dígitos. Um convite à nostalgia.

Avesso às novas regras da modernidade, Lucien não se rendeu à venda pela internet e nem às redes sociais. Fala com tristeza do baque sofrido com o advento da Amazon e das megalojas.

Se há dez anos conseguia vender 1.400 livros por mês, hoje a conta mal chega a 300 exemplares. À moda antiga, o livreiro é daqueles que conhece bem o seu acervo e gosta de conversar com os clientes sobre as obras. Sobrevive naquele espaço congelado no tempo por amor.

“Como a loja é própria, consigo seguir. Mas mantenho o negócio por prazer, gosto de vender leitura. No dia que for para fechar, fecho”, conclui.

No país que lê cada vez menos - a sexta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostrou que, só nos últimos quatro anos, o país perdeu 7 milhões de leitores -,

vender livros, sobretudo em lojas de rua, é resistência.

No Centro do Rio, ainda existem sebos e livrarias abertos em meados do século passado como a Galáxia. Mas são cada vez mais raros. A pandemia levou embora espaços como a tradicional livraria e sebo São José, com seus 85 anos de história.

A Elizart, sebo fundado em 1952 por Manoel Mattos, é hoje mantida por seus netos, Ana Cristina de Melo Pinho e Arthur Reis, com táticas de guerrilha. O sobrado na avenida Marechal Floriano, de propriedade da família, mostra sinais da mudança dos tempos.

A placa de “vende-se” esquecida no alto da fachada há anos, os pisos hidráulicos quebrados, as pilhas de livros nunca catalogados que seguem em um canto, o trânsito de clientes cada vez mais raro - tudo dá conta de um presente que nem de longe se assemelha ao passado de glórias da livraria, frequentada por nomes como Nei Lopes, Ruy Castro e Paulinho da Viola.

Mas ainda há pérolas guardadas no acervo de quase 40 mil livros, que já foi especializada em livros técnicos sobre o Rio de Janeiro. Vendido a R\$ 5 mil, está lá um dos únicos 250 exemplares já publicados de uma edição do Plano Agache, sobre a construção e remodelação da avenida Presidente Vargas.

“A rua mudou muito. Com a construção do VLT, muitas lojas fecharam, não há mais circulação. O home office, na pandemia, tirou de vez as pessoas da região. Tem dia em que só vendemos livros virtualmente”, lamenta Ana Cristina, que passou a investir, desde setembro do ano passado, em novos canais de venda pela internet, como Mercado Livre e Shopee. “Seguimos lutando.”

SERVIÇO

LIVRARIA GALÁXIA

Rua México, 31, Centro | De segunda a sexta-feira (9h às 17h) | Tel: (21) 2240-0926

ELIZART LIVROS

Av. Marechal Floriano, 63, Centro | De segunda a sexta (9h às 18h) e sábados (9h às 13h) | Tel: (21) 2263-7334

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.